

**Centro histórico de Salvador–Bahia:**  
a “mística” do lugar e a (des)concentração de sua espacialidade

Tânia Regina Santos Braga Torreão

SciELO Books / SciELO Livros / SciELO Libros

PINHEIRO, DJF., and SILVA, MA., orgs. *Visões imaginárias da cidade da Bahia: diálogos entre a geografia e a literatura* [online]. Salvador: EDUFBA, 2004. 184 p. ISBN 85-232-0339-7. Available from SciELO Books <<http://books.scielo.org>>.



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-Non Commercial-ShareAlike 3.0 Unported.

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição - Uso Não Comercial - Partilha nos Mesmos Termos 3.0 Não adaptada.

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-NoComercial-CompartirIgual 3.0 Unported.

## Centro histórico de Salvador–Bahia: a “mística” do lugar e a (des) concentração de sua espacialidade

*Tânia Regina Santos Braga Torreão<sup>3</sup>*

É inerente aos animais, sejam eles humanos ou não, a capacidade de interpretar, de “sentir” os lugares, de estabelecer com eles uma afetividade que é fruto de interpretações e considerações estritamente pessoais. Falo de uma capacidade de “olhar o mundo” em sentido amplo, que ultrapassa a dimensão dos nossos próprios horizontes e que não é privilégio exclusivo dos seres humanos, mas também de todos os animais irracionais. Os elefantes velhos, por exemplo, sem função na manada, migram para morrer, e o lugar de sua morte é o lugar onde seus ancestrais também se fazem presentes, se eternizam; o lugar de sua morte é o local de paz dos seus signos.

Assim como os elefantes, os homens também têm essa “memória afetiva” reflexa no amor à sua casa, no amor aos seus espaços de vivência com os amigos etc. Mas de onde virá essa memória? Por que hierarquizamos esse sentimento de amor em relação aos lugares? É aí que começo a descortinar o que quero dizer com tudo isso.

Acredito que não haja possibilidade de tentar explicar essa hierarquia do gostar, a não ser adotando a “lógica da birra” das crianças: “*gosto porque gosto, e pronto*”. Uma única exceção a essa regra talvez esteja reservada para os lugares históricos, que carregam o peso dos signos construídos dentro de uma dinâmica processual, cuja identidade é refletida na própria identidade do povo que a adota e habita.

Nessa perspectiva, o Centro Histórico de Salvador, especialmente o Pelourinho – é bom que se ressalte, muito antes da reforma –, já carregava o peso dessas significações construídas pela *História* e pelas *estórias* presentes e pretéritas. As singularidades que se fazem sentir nesse espaço, inclusive, têm sido muito bem exploradas na literatura, nas artes plásticas, na dança e no cinema. Quem de nós, por exemplo, não construiu um rosto para a prostituta Lindinalva, enterrada em um caixão branco e levada em procissão pelas ruas do Pelourinho? Quem não imaginou o personagem Quincas Berro d’Água acompanhado dos amigos de copo, descendo a ladeira do Taboão e cantarolando sambas de roda? Quem não se solidarizou com a dor da viuvez de Dona Flor, cujo marido, um malandro tipicamente baiano, morre em pleno carnaval, cercado pelas cabrochas da Bahia, bem no Largo do Pelourinho?

Duas obras, com variadas interpretações sobre o mesmo espaço tomado pelo contraste, *Pelo Pelô: história, cultura e cidade*<sup>4</sup> e *O centro da cidade do Salvador*<sup>5</sup> mostram uma cidade que só pôde ser construída, ou, melhor dizendo, entendida, no âmbito daqueles que aceitam o seu emaranhado de diversidades. Daí surgem algumas interrogações de caráter prático. Como delimitar esse Centro? Como atribuir-lhe limites cartografáveis, se esse espaço não se encerra dentro de si mesmo? Com base nessas dificuldades, será então possível o estabelecimento de uma “cartografia sentimental”, para auxiliar na complementação daquele que não consegue “enquadrá-lo”?

Os planejadores da modernidade, dos quais não se excluem inclusive os Geógrafos – cujo domínio da ciência tem como instrumento a cartografia –, não conseguiram, até agora, fechar os limites do Centro Histórico “dentro de uma caixinha”. Esse espaço e sua dinâmica sempre extrapolam as tentativas de delimitação.

A obra *Pelo Pelô: história, cultura e cidade*<sup>3</sup> é bem representativa dessa dificuldade. Em três artigos, três delimitações diferentes para o mesmo espaço. A primeira é definida pela Secretária de Planejamento Municipal e é a adotada pela Arquiteta Angela Franco: “A área central de Salvador é composta pelo Centro Histórico, e mais os bairros de Nazaré, Garcia, a Baixa dos Sapateiros, e a Zona do Comércio e Cidade Baixa.”

A segunda é a adotada pelos também arquitetos Marco Aurélio Filgueiras Gomes e Ana Fernandes, para quem a área pode ser dividida em quatro subáreas. São elas : “A primeira vai do Largo do Teatro (atual Praça Castro Alves) até a antiga Sé; a segunda, vai da Sé até o Terreiro de Jesus; a terceira do Terreiro até o Taboão, e a última subárea é a Rua da Vala, atual Baixa dos Sapateiros”

A terceira é a adotada por Luiz Vilhena no início do século XIX: “O Centro Histórico de Salvador congrega os bairros do Pelourinho, o Carmo, o Comércio e o Pilar e mais cinco bairros satélites: Santo Antônio Além do Carmo, Palma, Desterro, Saúde e São Bento.”

É interessante ressaltar que a tentativa de explicar as dificuldades de delimitação espacial do Centro Histórico, abordando uma perspectiva geográfica mais humanística, não ignora a importância que têm as teorizações mais convencionais. De fato, não se pode desconsiderar que o espaço a que nos referimos é um produto sociohistórico das variadas transformações realizadas no tecido urbano por que passou Salvador ao longo desses 453 anos de fundação. Porém é também produto de uma *fetichização da baianidade*, que permite a convivência de elementos contradi-

tórios, como tradição cultural e exploração mercadológica do “modo de ser” do baiano.

Calmo, doce, hospitaleiro, festeiro, malandro e preguiçoso, são esses os nossos referenciais. Bons ou ruins, é assim que o mundo nos conhece, e, melhor (ou pior?), é assim que o mundo nos quer ver. Dorival Caymmi, por exemplo, se delicia em divulgar que foi capaz de demorar sete anos para completar a letra de *Morena do Mar*. O Centro Histórico, nesse contexto, apresenta-se como um espaço sintetizador da multiplicidade de tendências que se refletem em nossa cidade.

Naquele espaço, muitas lágrimas negras rolaram dos rostos infelizes daqueles que foram obrigados a abandonar e a reconstituir, em uma realidade adversa, os referenciais de uma pátria que lhes foi usurpada. Naquele espaço, a prostituta Lindinalva – personagem fictício do romance *Jubiabá* de Jorge Amado – foi enterrada em um caixão branco, signo de uma pureza das “moças virgens”, pelo seu único amor, Antônio Balduino, um “negro de dentro” que, em sua concepção subserviente de paixão, preservava a imagem da patroa pura, traída pelas circunstâncias do destino.

É assim que esse espaço se configura, independentemente da folclorização. O Centro Histórico de Salvador é, sem dúvida, um dos nossos maiores referenciais de baianidade e, por isso, é tão difícil delimitá-lo, a não ser utilizando esses referenciais de memória que integram o nosso conhecimento.

## NOTAS

<sup>1</sup> Mestre pelo Curso de Pós-Graduação em Geografia.

<sup>2</sup> O Romance *Corta-Braço* foi analisado geograficamente: SILVA, A.M.; SANTOS, E.M.C. e MARTINS, S.R. ‘A Geografia através da Literatura: duas abordagens do Romance “Corta-Braço”’, e publicado em *Cadernos de Geociências* número 6. Salvador: Instituto de Geociências da UFBA, 2001, p.27-39.

<sup>3</sup> Geógrafa, Mestranda co Curso de Pós-Graduação em Geografia da UFBA.

<sup>4</sup> GOMES, Marco Aurélio de Filgueiras. (Org.). *Pelo Pelô: História, cultura e cidade*. Salvador, EDUFBA/FAU/MAU, 1995. Revista do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

<sup>5</sup> 2 SANTOS, Milton. *O centro da cidade do Salvador*. Salvador, Progresso, 1957. Tese de Doutorado realizado em Strasbourg – França.

<sup>3</sup> Publicação da Escola de Arquitetura e Urbanismo e do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, editada em 1996.

Publicação da Escola de Arquitetura e Urbanismo e do Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, editado em 1996.

#### REFERÊNCIAS

AMADO, J. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*. 67 ed. Rio de Janeiro: Record, 1992. 130 p.

\_\_\_\_\_. *Jubiabá*. 31 ed. Rio de Janeiro: Record, 1982. 321 p.

GOMES, M. A. de F. (Org.). *Pelo Pelô: história, cultura e cidade*. Salvador: EDUFBA; Mestrado em Arquitetura e Urbanismo da UFBA, 1996.

SANTOS, M. *O centro da Cidade do Salvador: estudo da geografia urbana*. Salvador: Universidade da Bahia, 1959. 196 p.